

A cobertura hegemônica da guerra e as interferências midiáticas do digital: análise do conflito entre Israel e *Hamas*, pelo *Fantástico*

Antonio Hélio Cunha Filho

Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, PE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2098-6965>

Carolina Dantas Figueiredo

Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, PE, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6611-2038>

Resumo

Com a escalada dos ataques na guerra entre Israel e Hamas, estamos presenciando, em tempo real e de forma virtual, a cobertura desse conflito. Diante disso, o presente artigo busca analisar como a mídia hegemônica nacional aborda a guerra, destacando também a influência que os acontecimentos, especialmente no meio digital, exercem sobre essa narrativa. A pesquisa concentrar-se-á na análise de duas edições do *Fantástico* (oito de outubro e 12 de novembro de 2023): a primeira, logo após o ataque de 07 de outubro, e a segunda, que marca a volta dos palestinos ao Brasil e um mês de guerra. Como metodologia, será utilizada a Análise de Conteúdo. Buscou-se compreender a presença de categorias que ilustrem a percepção dessa cobertura midiática, considerando tanto a construção inicial sem a pressão das mídias digitais, quanto às possíveis influências destas na comunicação dos veículos dominantes após um mês da primeira edição do programa. Ao final, foi possível perceber os dialogismos imagéticos, midiáticos e de abordagens editoriais que o conteúdo sofre a partir do digital, em contraste com a produção da mídia televisiva.

Palavras-chave

guerra; mídia; *Fantástico*; digital; Israel; Palestina

1 Introdução

Nesta guerra, não há heróis nem proezas incríveis, mas tão-só as pessoas ocupadas na sua atividade humana e simultaneamente desumana. Lá, não são só elas, as pessoas, a sofrer, mas também a terra, os pássaros, as árvores. Todos os que habitam a terra conosco. Estes sofrem sem palavras, o que é ainda mais horrível (Aleksiévitch, 2016, p. 56).

A cobertura de guerra ocupa um espaço de destaque nas coberturas jornalísticas, sendo um tema que atrai a atenção das mídias e, conseqüentemente, do público. Talvez pelo seu peso social, econômico, cultural e bélico, tal temática roube sempre a atenção das coberturas, especialmente, as televisivas (Steagall, 2020). Muito pelo poder da imagem, a possibilidade de transmitir os regimes de visibilidades da guerra permitiu mostrar a magnitude de tal acontecimento. Em uma sociedade marcada pelo espetáculo, evidencia-se como a manipulação das visibilidades e o império das imagens leva a sociedade a depender da espetacularização para concretizar suas relações (Debord, 2003), neste caso com o uso da mídia para a consolidação das dinâmicas de guerra, seus lados, suas versões, e estabelecer os papéis de protagonistas, e especialmente, o de antagonista.

No fim de 2023, esse tipo de cobertura voltou a ter mais espaço na grande mídia com mais uma fase do conflito entre Israel e a Palestina (nesse caso, grande envolvimento do grupo *Hamas*), guerra com a qual se mudam os atores, os motivos e as estruturas, mas segue sendo um ambiente violento e sanguinolento, com milhares de mortos, feridos e desabrigados, especialmente em Gaza.

Os confrontos entre Israel e Palestina são caracterizados por uma sucessão de guerras e embates enraizados em disputas territoriais, nacionalismo, questões religiosas e o deslocamento de refugiados. O início dos conflitos vem desde o século XIX, com o surgimento do sionismo e, atingindo seu ápice na guerra de 1948. Em seguida, a criação do Estado de Israel resultou em um conflito armado e no deslocamento em massa dos palestinos, conhecido como *Nakba* (Campos, 2021). Atualmente, a persistência das hostilidades se deve a questões de mútuos ataques entre o grupo paramilitar formado em Gaza - *Hamas* - contra Israel, bem como o bloqueio a Gaza e as tensões em Jerusalém, por parte do país judeu. Isto gera sofrimento humano e instabilidade regional, modificando as relações internacionais com os países árabes, e reverberando em impactos globais.

Este conflito histórico teve mais um capítulo significativo no dia sete de outubro de 2023, quando mais de 1.500 integrantes do *Hamas* romperam o bloqueio à Faixa de Gaza e

infiltraram o sul de Israel, onde realizaram massacres e sequestraram reféns, no fim dos primeiros dias do novo acirramento bélico, foram mais de seis mil mortos (G1, 2023). O ataque foi uma das maiores falhas dos serviços de inteligência de Israel, sendo um novo marco na história desse conflito.

Por essa perspectiva, é fundamental reconhecer que certos grupos sociais são desproporcionalmente afetados devido às suas intersecções identitárias. Mulheres, pessoas racializadas, a comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades (LGBTQIAPN+), crianças, idosos e outros grupos vulneráveis enfrentam impactos que se somam e se intensificam em contextos de conflito. Ou seja, suas identidades, que já são historicamente alvo de opressões e exclusões, sofrem ainda mais com as condições extremas da guerra (Camargo, 2019). Dados da Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em dezembro de 2024, reportam que uma criança estava sendo morta a cada hora em Gaza somando estimadamente 14.500 vidas, a Federação Palestina no Brasil estimou que crianças representavam 44% das vítimas pelos conflitos entre Hamas e Israel, desde sete de outubro de 2023. Os mesmos dados apontam que 24% dos mortos são mulheres (Neves, 2024). Esse cenário evidencia como esses grupos vivem uma realidade de violência dupla ou tripla, que ultrapassa os efeitos comuns da guerra e escancara desigualdades pré-existentes.

Historicamente, esses mesmos grupos têm sido sub-representados nas mídias tradicionais, e em contextos de guerra essa invisibilização assume outras formas. Suas existências costumam ser reduzidas a estatísticas ou, quando aparecem, suas imagens são frequentemente exploradas de maneira gráfica e sensacionalista, o que contribui para uma desumanização ainda maior (Camargo, 2019). No entanto, é crucial considerar que esses sujeitos não são apenas vítimas passivas; eles também podem construir outras formas de relação, resistência e reflexão sobre a guerra. Inclusive, com o avanço das mídias digitais, tais grupos vêm criando espaços alternativos de comunicação e atuação, desafiando a normatividade imposta pelas narrativas hegemônicas e propondo novas maneiras de compreender e intervir nos conflitos, como pensa Halberstam (2020), esses grupos mais marginalizados já nascem fadados a falhar frente às normas estabelecidos, e talvez eles possam apontar outros caminhos para uma abordagem mais humana e plural, inclusive nas mídias.

Apesar disso, é evidente que um acontecimento como esse, atrairia muita atenção das coberturas midiáticas, especialmente dos conglomerados mais hegemônicos, tendo em vista

que esse assunto sempre foi pauta desses veículos. Tais mídias, como principais formas de disseminação de informações, desempenham um papel crucial na construção da realidade social (Boyd-Barrett, 2023). Portanto, a presença delas nessas coberturas permite construir ideias no imaginário social, ao selecionar notícias, imagens e narrativas, a mídia molda a perspectiva do público em relação ao mundo, exercendo influência sobre suas crenças e comportamentos (Berger; Luckmann, 2013). Neste caso, ao primeiro momento, apesar de querer transmitir a ideia de uma simples “relatora dos fatos”, no caso os ataques do *Hamas* a Israel, a mídia também cria seus recortes e omite os acontecimentos seculares no território que complexifica essa relação.

É importante ressaltar que a mídia não atua como um agente autônomo, mas sim como um reflexo da sociedade, reproduzindo e espelhando as estruturas sociais e culturais existentes. Ou seja, neste primeiro momento, vimos que há um interesse, com aliança das mídias hegemônicas, em transmitir uma versão específica dos acontecimentos de sete de outubro de 2023 (Gonçalves; Lima, 2023).

Porém, a mídia tem a capacidade tanto de reforçar quanto de desafiar as normas e valores predominantes, sendo essa dinâmica influenciada pelo contexto social e político em que está inserida (Berger; Luckmann, 2013). Esse desafio pode ser visto, no enfrentamento feito por alguns veículos e criadores de conteúdo digitais, na busca de mostrar outras versões da guerra ou até mesmo acirrando a disputa pelo controle das narrativas (Spring, 2023).

Entendendo essa dinâmica, a presente pesquisa tem como questionamento norteador: Em um primeiro momento, qual foi a cobertura dada a guerra na mídia tradicional e de que forma o digital trouxe novas abordagens e mudanças para essa cobertura?

Para exemplificar a investigação dessa pergunta, a presente pesquisa escolhe como objeto empírico o programa jornalístico *Fantástico* da Rede Globo, o telejornal que tem o formato de revista eletrônica, pretende proporcionar uma cobertura abrangente e aprofundada dos principais acontecimentos nacionais e internacionais da semana. O programa se posiciona como um artefato midiático que tem uma abordagem jornalística diversificada, e que se aprofunda em temas políticos, econômicos, sociais e culturais, oferecendo análises e entrevistas.

Com a Análise de Conteúdo como processo metodológico principal, este artigo escolhe então as edições de 08/10/2023 e 12/11/2023, que são respectivamente o primeiro programa após o ataque do dia sete de outubro, e o programa seguinte, a retirada dos brasileiros que estavam em *Gaza* e foram resgatados pelo governo federal.

2 A cobertura de guerras nas mídias tradicionais

O espetáculo da guerra é um movimento recorrente nas coberturas midiáticas, sejam encenações em épicos para o cinema, documentários ou grandes reportagens, as imagens dos conflitos sempre criam repercussão em suas exibições, o poder da imagem tem a capacidade estrutural e estruturante das narrativas sociais, econômicas, políticas e, em um contexto de guerra, bélicas (Boyd-Barrett, 2023).

Esse espetáculo, quando midiaticizado, cria uma relação imbricada entre o poder da guerra nas relações internacionais e o poder da mídia na construção da realidade percebida pelas sociedades. Em uma relação de mutualismo: “A mídia promove guerra, a guerra promove a mídia comunicação e a publicidade compete com guerra. A publicidade é, de toda a nossa cultura, a espécie parasita mais resistente. Ele certamente sobreviveria até mesmo a um confronto nuclear” (Baudrillard, 1991, p. 22, tradução nossa).

Então não há, segundo Baudrillard (1991), uma necessidade clara de tentar criar um panorama entre o contexto complexificado da guerra por parte das mídias tradicionais, pois há um resultado de manutenção das estruturas dominantes com a promoção – quase publicitária, segundo o autor – da guerra e de suas consequências. Nessa concepção, a cobertura midiática da guerra é um simulacro, ou seja, uma versão idealizada e manipulada pelos poderes envolvidos.

A cobertura da guerra pode ser uma forma de propaganda que serve para justificar a violência e a opressão. Boyd-Barret (2023) também corrobora com essas perspectivas, adicionando ainda o ingrediente de uma espécie de “compra nas mídias” por parte dos poderes, com objetivo de vender a ideia e a importância de uma guerra, ou até mesmo a construção de uma figura de herói e vilão, e de quem são os bons e os maus. A análise do autor desmonta o caráter, talvez ingênuo, de que não há uma intenção de desinformar o público ou de mentir para a audiência por parte das mídias tradicionais, quando repercutem as guerras. Essas relações de controle da mídia são consequências das entranhas do sistema capitalista na produção, concepção e escolha do que será veiculado.

Além disso, é preciso lembrar dos cinco filtros¹ criados por Chomsky e Herman (2008) para o modelo de propaganda dos veículos de comunicação. Neste caso da cobertura de guerra, os que se destacam, especialmente, é o “domínio das fontes oficiais” e a

¹ Os cinco filtros pensados por Chomsky e Herman (2008) são: tamanho, propriedade e orientação para o lucro; publicidade como principal fonte de receita; dependência das fontes de notícias; críticas a pensamentos contrários e a ideologia do inimigo comum.

dependência da mídia a elas, e a “criação de um inimido comum” com um pacto ideológico criado entre mídias e setores dominantes mundiais.

Quando se fala em cobertura de guerra, a televisão foi sempre o veículo com maior relação com esse tipo de conteúdo jornalístico. Entendida como uma experiência cultural que surge da articulação entre as práticas de produção, os determinismos da tecnologia e a economia, a cobertura de guerra tem uma função social que impacta profundamente o cotidiano das pessoas, a vida dos espectadores, e as estruturas formais das narrativas sociais, ao nível local, regional, nacional e global (Williams, 2016).

Claro que todo esse poder da televisão, e imaginando-a como a principal distribuidora de conteúdo a respeito da guerra, permite que as percepções daqueles que comandam esses veículos, se sobreponham às outras narrativas. Tendo em vista que a mídia é um elemento de construção da realidade, elementos que têm mais poder simbólico e material terão mais penetração de ideias na consolidação dessa realidade (Berger; Luckmann, 2013).

A cobertura de guerras, especialmente no Ocidente, foi fortemente moldada pelas práticas da imprensa estadunidense, que estabeleceu padrões na forma de relatar conflitos. Como fala Atem (2008, p. 102) em sua análise sobre as coberturas das guerras pelos EUA “Nós vimos eclodir duas guerras: a primeira é óbvia; e a segunda é essa que se faz pela sedução da opinião pública”. Consequentemente, as visões hegemônicas e nacionalistas do norte global influenciaram a categorização dos lados em disputa, além de promoverem narrativas maniqueístas que marcaram a percepção de diversas populações sobre esses povos e regiões. Desde as guerras da Coreia e, sobretudo, a Guerra do Vietnã – um dos primeiros conflitos a contar com cobertura midiática massiva –, a forma como a imprensa ocidental enxerga e representa as guerras foi consolidada (Knightley, 2000).

Ao observarmos um campo como o jornalismo comparado, é possível identificar que tanto a prática jornalística quanto as rotinas produtivas no Brasil foram profundamente influenciadas pelo modelo norte-americano. Assim, as perspectivas e abordagens de caráter mais hegemônico também tendem a ser mais evidentes no contexto brasileiro (Atem, 2008).

Embora o Brasil não esteja em guerra com outras nações, a cobertura da mídia tradicional brasileira também se volta para eventos que carregam características semelhantes aos de um cenário de conflito armado – como as perdas, destruição e tragédias retratadas no jornalismo policial (Silveira, 2012). Esse modelo de cobertura, baseado em fontes oficiais, com tendências a privilegiar grupos mais hegemônicos e a construção de narrativas sobre inimigos e heróis, também é perceptível no jornalismo nacional, criando

essa diferença nas abordagens (Silveira, 2012). Consequentemente, quando os grandes veículos de comunicação do Brasil – já acostumados a aplicar esse molde na cobertura de conflitos urbanos e na chamada “guerra ao tráfico” – se deparam com guerras e conflitos internacionais, tendem, de forma natural, a utilizar essas mesmas estruturas narrativas e enquadramentos para reportar tais acontecimentos.

Mas nenhum assunto é capaz de ser totalmente dominado por um tipo de mídia, ainda mais em uma aceleração dos processos tecnológicos ao nível global. A internet e o aumento significativo no acesso a dispositivos eletrônicos promoveram uma transformação substancial no panorama midiático, permitindo que diversos atores sociais participem ativamente na construção e questionamento das perspectivas e narrativas da mídia hegemônica.

A disseminação de informações através do ambiente digital permitiu um espaço plural e descentralizado, onde indivíduos e grupos têm a oportunidade de contribuir com suas próprias visões, experiências e questionamentos. Esse fenômeno, muitas vezes denominado como democratização da informação, desafia a tradicional centralização de poder na produção de conteúdo midiático, proporcionando uma plataforma mais diversificada e inclusiva para a expressão de diferentes vozes e pontos de vista na esfera pública (Bentes, 2015). O resultado é um ambiente midiático mais dinâmico, no qual as narrativas predominantes podem ser enriquecidas, desafiadas e, por vezes, redefinidas por uma gama mais ampla de atores sociais. Esta configuração se estabelece em uma dinâmica que Bentes (2015) analisa como *midialivrismo*, caracterizado por uma informação pós mídia de massa com maior ênfase em processos de subjetivação e afastamento dos padrões convencionais e hegemônicos.

3 Comunicação independente: suas barreiras na hegemonia da mídia e a construção das notícias em multiperspectiva

O jornalismo, que muitas vezes se debruça por um paradigma de objetividade, diz que pretende, como uma de suas funções sociais, criar uma tradução daquilo que se entende como realidade, ou até mesmo, esmiuçar de forma mais “palatável” temáticas mais complexas (Atem, 2008). Esse movimento é legítimo, mas como já percebemos anteriormente, existe sim uma relação de troca de interesses entre as mídias e as estruturas dominantes.

Apesar dessa realidade, é possível vislumbrar outra, onde haja uma cobertura jornalística que busque se desvencilhar desse paradigma da objetividade e que em uma perspectiva mais complexa, traga nuances aos fatos, acontecimentos, temáticas, ou seja, ao conteúdo que é veiculado comumente pelo jornalismo. Porém, essa realidade nem sempre é possível nesses veículos mais convencionais, as chamadas produções de notícias em *multiperspectiva* (Guns, 1979) precisam de um ambiente que as interferências editoriais e econômicas sejam menos incisivas.

Guns (1979) vai entender a produção em *multiperspectivas* como aquela que permite uma maior amplitude de posições e maior aprofundamentos nas nuances dos acontecimentos, para o autor essas notícias passariam a ter cinco pontos importantes, são eles:

- a) *as notícias multiperspectivas* seriam mais nacionais - saindo de uma mera reflexão sobre as fontes oficiais e tentando entender as instituições e as nuances e reais necessidades da nação;
- b) *as notícias multiperspectivas* acrescentariam uma visão de baixo para cima à atual abordagem de cima para baixo - ou seja, traria a voz dos excluídos, daqueles que geralmente são invisibilizados ou apenas são números dentro das notícias;
- c) *as notícias multiperspectivas* apresentariam mais resultados de notícias - aborda também uma espécie de checagem, também reportando, contabilizando e se aprofundando nos dados;
- d) *as notícias multiperspectivas* teriam como objetivo ser mais representativas - optaram por trazer mais diversidade nas fontes e depoimentos, buscando amplificar a abrangência de visões;
- e) *as notícias multiperspectivas* colocariam mais ênfase nas notícias de serviço, fornecendo informações pessoalmente relevantes para setores e funções nacionais específicos - seria o tipo de informação úteis para as pessoas, que mudam o modo como elas continuam seu cotidiano, ou melhor, como as coisas podem melhorar e se melhoraram ou não.

Todas essas proposições, segundo o próprio autor, são desafios para os jornalistas que trabalham nas redações e ambientes jornalísticos convencionais. Mas parte dessas novas perspectivas são possíveis de serem vistas nos ambientes digitais. Estes emergem como um espaço propício para a amplificação das vozes mais marginalizadas pelas mídias hegemônicas. Nessas conjunturas do digital, as abordagens adotadas encontram-se

frequentemente desvinculadas das amarras comerciais e econômicas que caracterizam os meios tradicionais de comunicação (Bentes, 2015). A democratização do acesso à produção e disseminação de conteúdo online possibilita que narrativas menos representadas ganhem visibilidade, permitindo um aprofundamento genuíno em questões sociais, culturais e políticas que, de outra forma, poderiam ser negligenciadas, e nessa dinâmica, produções com características de *multiperspectivas* podem surgir para melhorar o ambiente digital, pois a sua amplitude de alcance cada vez mais significativa leva os veículos tradicionais a repensarem suas estratégias, e porque não, também suas abordagens jornalísticas.

Esses dinamismos que o ambiente digital pode causar nas mídias tradicionais já pode ser percebido, não só nas abordagens das temáticas, mas também na linguagem dos formatos jornalísticos, especialmente os televisivos. E se há uma influência em formato, porque o digital não pode também criar barreiras editoriais que as mídias não possam ignorar, e precisem também cobrir? Nessas perspectivas, Habermas (2023) vai primeiramente fazer um questionamento sobre esses movimentos no digital, falando que são esferas semipúblicas, tendo em vista a construção em bolhas que não se conectam nem constroem um conhecimento coletivo, e também alerta que:

O papel do autor também precisa ser aprendido; e enquanto isto estiver faltando na troca política na mídia social, fica por enquanto prejudicada a qualidade dos discursos desinibidos, protegidos contra as opiniões dissonantes e das críticas. É da fragmentação da esfera pública, associada ao mesmo tempo, a uma esfera pública sem limites, que surge primeiramente a ameaça para a formação da opinião política e da vontade na comunidade política (Habermas, 2023, p. 62).

Para Habermas (2023), a difusão de informação desse ambiente sem a figura de um autor, ou seja, de alguém alinhado a propostas que queiram emancipar realmente as massas e educar via conteúdos mais diversos, complexos e completos, pode causar dissensos nessa comunicação. Mas o autor também comenta como essa relação pode criar barreiras, que de algum modo vão exigir que as mídias mais tradicionais também englobem certos conteúdos, e principalmente, certas visões.

A digitalização do processo informativo apresenta polos importantes a serem considerados, quando se pensa em como ele pode, ou não, modificar as assimetrias criadas pela cobertura tradicional. O primeiro, que talvez seja o foco central desta pesquisa, é que ela cria possibilidades de circulação de informação que escapam dos processos mais hegemônicos e tradicionais, abrindo espaço para grupos historicamente marginalizados,

outras visões de mundo e maior autonomia para as pessoas (Bentes, 2015). Os primeiros estudos sobre esses processos de digitalização, e em que em alguma instância se concretizaram, mostram que a popularização dos aparelhos de tecnologia da informação, especialmente os smartphones, possibilita não apenas novas formas de produção jornalística, mas também iniciativas populares na captação, formatação e distribuição de conteúdo (Moraes, 2011). Além disso, essas produções alternativas criam demandas e pressões externas que podem influenciar diretamente as rotinas produtivas dos veículos de comunicação mais tradicionais. Camargo (2019), que fez um estudo sobre a cobertura das guerras feita por mulheres, mesmo que em veículos mais tradicionais, comenta que outras abordagens conseguem romper com questões engendradas dos estereótipos na guerra. Aliando as identidades e o processo digital é possível propor novos olhares.

Pensando em outras produções onde o digital oferece uma perspectiva diferente na cobertura, Delphino (2022) destaca o exemplo de como as redes sociais desempenharam um papel fundamental na denúncia da violência policial no Brasil. Essas plataformas foram essenciais para expor a forma como grupos historicamente marginalizados, especialmente pessoas negras e pobres, são tratados e vistos no país. O ambiente digital, nesse contexto, não apenas amplia a visibilidade dessas questões, mas também possibilita a construção de pressões e contrafluxos em relação aos veículos de comunicação mais dominantes.

Apesar desse cenário, é importante reconhecer que outros efeitos surgiram dessa popularização do digital, os veículos de comunicação tradicionais também ocupam esse ambiente. Mesmo que não sejam mais os únicos protagonistas como em outras mídias, eles continuam presentes e, por seu peso simbólico, financeiro e social perante o público, mantêm uma posição de destaque também no meio digital (Massuchin; Carvalho, 2016). Além disso, a infraestrutura digital – plataformas, servidores, redes e sistemas de distribuição – em grande parte está sob controle de grandes conglomerados de comunicação e tecnologia, que compartilham aspirações hegemônicas (Morozov, 2018). Portanto, os grupos alternativos e independentes ainda dependem dessa infraestrutura controlada por espaços de poder para conseguirem comunicar suas mensagens e alcançar públicos mais amplos.

4 Metodologia

Compreendendo que o objetivo deste estudo é analisar como se deu a cobertura sobre a guerra entre Israel e *Hamas* no telejornal *Fantástico* (Rede Globo), a pesquisa adota a Análise de Conteúdo como base metodológica, utilizando a análise categorial como

ferramenta de pesquisa. Essa abordagem envolve a classificação em categorias temáticas e a identificação de sua presença no contexto empírico selecionado para o trabalho (Fonseca Júnior, 2006).

Para conduzir essa análise de maneira eficaz, é crucial estabelecer um conjunto de categorias, sejam pré-determinadas ou emergentes, que organizem o material. As categorias são desenvolvidas com base nos parâmetros identificados na revisão bibliográfica aprofundada. Ao longo deste artigo, diversas temáticas foram identificadas como importantes para a análise e, em seguida, organizadas em categorias. Foram discutidas tanto as barreiras que o ambiente digital pode impor na construção hegemônica da comunicação quanto as características que definem um conteúdo informativo multiperspectivado, assim como os tipos de produção que podem ser realizados fora dos eixos hegemônicos.

As categorias resultam, sobretudo, dos parâmetros utilizados para refletir sobre as reportagens multiperspectiva, mencionadas anteriormente neste trabalho, que servem como objeto de análise, assim como os filtros explanados por Chomsky e Herman (2008) – também já citados – que discutem como as mídias mais tradicionais, fortemente influenciadas pelos modelos estadunidenses de cobertura e visão sobre a guerra, estabelecem determinadas relações e dinâmicas para noticiar conflitos. Esses parâmetros pensados pelos autores servirão de base para uma análise da mídia brasileira, considerando que o jornalismo nacional apresenta processos de estruturação profundamente marcados pelas práticas norte-americanas. Fundamentar as categorias com base nesse estudo proposto por Chomsky e Herman (2008), originalmente pensado para analisar o jornalismo do norte global, revela-se relevante como alicerce para a construção das categorias aplicadas na Análise de Conteúdo, metodologia adotada neste trabalho. Ademais, considerando que as reportagens multiperspectiva inspiram modelos de comunicação mais alternativos no ambiente digital, utilizá-las como referencial analítico também se mostra fundamental para este estudo. Com base nesses parâmetros, foram estabelecidas as seguintes categorias: *dependência (ou não) de fontes oficiais; acordos ideológicos; representatividade nas falas; visões de baixo para cima; serviços e questões nacionais; presença do digital na cobertura tradicional*. Todas elas serão pontos de análises de todo o corpus estabelecido, no caso, as duas edições do programa *Fantástico*.

Toda essa subdivisão do conteúdo em unidades menores, visando identificar padrões recorrentes, possibilita uma compreensão mais aprofundada do material. Portanto, é essencial realizar um processo de codificação, identificando os segmentos relevantes e

garantindo que as categorias representem de maneira precisa o conteúdo analisado, promovendo uma interpretação abrangente dos dados (Fonseca Júnior, 2006). Nesse sentido, um embasamento teórico prévio se faz necessário para compreender essas categorias.

O escopo da pesquisa foi delimitado a partir do espaçamento temporal de pouco mais de um mês. As edições selecionadas para a análise justificam-se pela sua relevância e pelo contexto em que foram veiculadas. A primeira, exibida em oito de outubro de 2023, é a edição do *Fantástico* que sucede imediatamente o ataque de sete de outubro, representando as primeiras abordagens midiáticas sobre o recente início do conflito. Já a segunda, transmitida em 12 de novembro de 2023, foi escolhida por marcar um mês desde os ataques iniciais e por abordar a cobertura do retorno dos brasileiros que viviam em Gaza ao território nacional. Esses recortes temporais permitem observar como o programa construiu sua narrativa jornalística em momentos-chave do conflito, além disso, nesse intervalo de um mês vai ser possível perceber como as formas alternativas de se comunicar, especialmente o digital, podem ter construído uma perspectiva diferente entre as duas edições.

5 A cobertura da guerra na imprensa hegemônica e as interferências midiáticas do digital: análise do conflito entre Israel e *Hamas*, pelo *Fantástico*

Primeiramente, vamos situar o nosso objeto empírico. O *Fantástico*, um programa jornalístico brasileiro, transmitido pelo grupo Globo desde 1973, trata-se de uma atração diversificada que mescla elementos de jornalismo, denúncia, esporte, documentários e ciência (G1, 2021). Com apresentação de Maju Coutinho e Poliana Abritta, a atração dominical é reconhecida por suas reportagens investigativas, o programa destaca-se por abordar temas polêmicos e relevantes para a sociedade brasileira e mundial.

As edições que serão analisadas por esta pesquisa, como dito anteriormente, são as de oito de outubro de 2023 (Fantástico, 2023a) e de 12 de novembro de 2023 (Fantástico, 2023b). Em uma primeira análise é possível perceber que a primeira edição tem 2h52min53s de duração, com a primeira parte do programa totalmente dedicada ao assunto, sendo 51min de duração, e mais um boletim sobre o tema ao final do programa com duração de um minuto. A segunda edição investigada tem 2h43min47s com uma cobertura total de 20min33s, também logo no começo do programa. Em seguida será possível perceber a presença, ou não, de cada categoria de análise em ambas as edições.

5.1 Dependência (ou não) de fontes oficiais

Esta categoria está fortemente relacionada ao que Chomsky e Herman (2008) abordam sobre como o estilo de propaganda das mídias depende, por vezes, das fontes oficiais e nelas se concentra. Essa relação torna-se mais clara na edição de 8 de outubro, especialmente durante a abertura do programa, em que o número de mortos é apresentado por instituições israelenses, evidenciando uma ênfase na situação de Israel.

Além disso, ao longo do início da cobertura, são exibidas imagens provenientes dos serviços de inteligência e instituições militares israelenses, utilizadas para monitorar e combater o que o programa denomina como milicianos e terroristas. O texto ainda menciona que o ataque do *Hamas* é o maior das últimas duas décadas, conforme versões dessas fontes israelenses.

Figura 1 - Imagem de perseguição militar israelita exibida pelo *Fantástico*



Fonte: Imagens colhidas em *Fantástico* (2023a).

Figura 2 - Imagem de perseguição militar israelita exibida pelo *Fantástico*



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Também são mostradas imagens de bombardeios e ataques à Palestina, porém, sem trazer tantos números e sem mencionar nenhuma fonte oficial de Gaza, trazendo apenas fontes da Organização das Nações Unidas (ONU) e organizações mais transnacionais. A única fonte ligada à faixa de Gaza mencionada é a do próprio *Hamas*, e comenta sobre o número de mísseis lançados, ou seja, focando apenas no ataque dos extremistas.

A grande maioria das fontes utilizadas na edição vem de Israel. Além disso, é possível perceber o uso de outros veículos internacionais, mais alinhados às mídias tradicionais, também servindo como fonte e como banco de imagem para ilustrar a cobertura dessa guerra. Ademais, enquanto a figura do presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, que fica na Cisjordânia, é apresentada apenas em imagens de arquivo. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu aparece em imagens oficiais em mesas e campos de estratégia de guerra.

Essa perspectiva está fortemente relacionada ao que Boyd-Barret (2023) discute sobre a “compra” realizada pelos poderes instituídos na mídia hegemônica e como esse vínculo estreito com as fontes oficiais desses próprios poderes revela esse viés, ao menos em um primeiro momento, na hora de reportar o conflito.

Figura 3 - Imagem de veículos e fontes mais tradicionais sendo utilizada como fonte principal



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Figura 4 - Imagem do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu



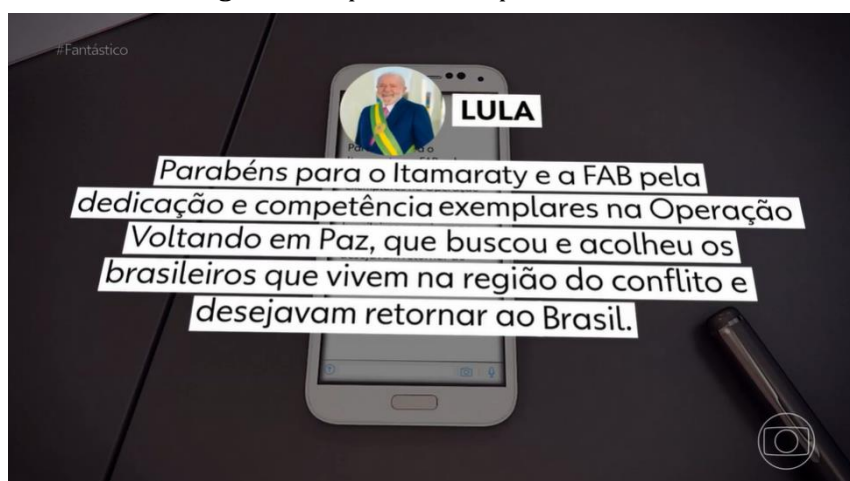
Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Após a veiculação da edição de 8 de outubro, um movimento crescente de narrativas emergiu, demandando uma abordagem mais ampla para a cobertura do conflito entre *Hamas* e Israel. Especificamente, essas narrativas clamavam por uma consideração mais profunda das visões da Palestina sobre a guerra, juntamente com uma contextualização histórica dos conflitos envolvidos. Essa pressão para uma abordagem mais abrangente ecoou em movimentos tanto globais quanto no próprio Brasil, instigando uma reflexão por parte da mídia hegemônica, que começou a incorporar essas questões em sua cobertura (Léon, 2023).

Essas alterações nas abordagens tornam-se evidentes na edição do *Fantástico* de 12 de novembro. Fontes provenientes de organizações internacionais e instituições dedicadas aos direitos humanos em escala mundial, além de declarações de autoridades que estão fora

do eixo do norte global, passaram a ser consideradas como parte integrante das fontes oficiais. Além disso, organizações transnacionais, como a ONU e a dos Médicos Sem Fronteiras, passaram a desempenhar um papel fundamental na composição do panorama dos noticiários.

Figura 5 - Depoimento do presidente Lula



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Figura 6 - Fala da representante do Médicos Sem Fronteiras



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Vale ressaltar que não ocorreu um abandono parcial das fontes institucionais anteriores; falas do governo de Israel e imagens de origem institucional de seu exército, ainda estavam sendo usadas como parte das matérias. Porém, elas foram incorporadas ao panorama midiático mais amplo, promovendo uma diversificação e enriquecimento na construção narrativa, em detrimento de uma visão unidimensional.

5.2 Acordos ideológicos

A primeira edição analisada aborda as perspectivas dos Estados Unidos e países europeus sobre o conflito, destacando as alianças de proteção para Israel. No entanto, ao omitir o contexto histórico, o texto apresenta os ataques do *Hamas* como o início repentino da guerra. Apenas a Rússia mencionou um cessar-fogo em oito de outubro, o que nos leva a observar uma estreita cooperação entre as potências mundiais, especialmente nas esferas econômica e bélica. Essa colaboração, muitas vezes endossada pela mídia, visa ao controle de territórios e à sustentação de acordos fundamentais.

A mídia desempenha um papel crucial nesses contextos, sendo um instrumento na promoção das narrativas de coalizão entre nações para a “preservação da paz”, ao mesmo tempo, em que reflete as complexidades das relações geopolíticas. É possível perceber isso, especialmente na escolha das sonoras das matérias, como, por exemplo, trazer a visão do departamento de estado dos Estados Unidos, do primeiro-ministro britânico e do presidente da Alemanha.

Figura 7 - Entrevista do departamento de estado dos EUA



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Figura 8 - Fala do primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Segundo Chomsky e Herman (2008), ao analisar a cobertura de guerras, observa-se uma relação entre a cobertura tradicional dos conflitos e as dinâmicas geopolíticas do norte global, que influenciam as percepções e a manutenção dos conflitos. Essa dinâmica, já observada nas análises dos autores, é novamente perceptível na cobertura do conflito iniciado em sete de outubro de 2023.

Como mencionado anteriormente, semanas após a escalada dos conflitos entre *Hamas* e Israel, observou-se uma notável ampliação na cobertura midiática, na maior parte devido à influência de movimentos globais e às pressões originadas nas redes sociais. O impacto dessas vozes diversas se tornou evidente na dinâmica da mídia, que, anteriormente centrada em acordos globais e fontes tradicionais, passou a incorporar perspectivas mais abrangentes e até mesmo imagens das ruas. Além disso, passou a abordar movimentos de cunho ideológicos e políticos.

Os acordos globais ainda mantêm presença significativa no noticiário, pois representam uma das engrenagens fundamentais da mídia tradicional. Contudo, a edição do *Fantástico* de 12 de novembro de 2023 marca uma mudança perceptível. Além das negociações e tratados internacionais, a cobertura passou a abraçar de maneira mais proeminente outras perspectivas, contemplando imagens de protestos e questões que transcendem os limites dos acordos ideológicos.

Figura 9 -Presidente progressista da Espanha, Pedro Sánchez, em um tom de paz e respeito a Palestina



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Figura 10 -Passeata em Paris contra o antissemitismo



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

A pressão exercida por movimentos pelo mundo e as demandas nas redes sociais desempenharam um papel nesse redirecionamento da narrativa. A edição de novembro reflete uma resposta da mídia às crescentes expectativas por uma cobertura mais completa, e o pedido de demonstrar uma maior sensibilidade para abordar não apenas os eventos em níveis globais, mas também as complexidades e realidades vivenciadas pelas comunidades afetadas nos níveis locais. Apesar disso, desde o aprofundamento do conflito no século XX, a mídia tem dado mais destaque aos movimentos antissemitas do que aos movimentos contra a islamofobia, fazendo assim uma redução, simplificação e estereotipação de tais grupos e iniciativas (Trevisan, 2024).

5.3 Representatividade nas falas

A cobertura da mídia hegemônica, ao abordar a representatividade de vozes, continua vinculada aos desdobramentos de fontes tradicionais. Mesmo entre essas fontes tradicionais, há uma tendência de destacar aquelas alinhadas com interesses específicos. A seleção de vozes muitas vezes reflete uma abordagem seletiva que pode marginalizar perspectivas divergentes, perpetuando uma narrativa unidimensional do conflito.

Na edição de oito de outubro do *Fantástico*, A falta de inclusão de vozes ligadas ao povo palestino, distinguindo-o do *Hamas*, é evidente. A representação dos árabes em geral, durante todo a edição, muitas vezes se baseia em imagens que sugerem intolerância, violência e perigo, contribuindo para a construção de estereótipos negativos.

Figura 11 - Imagem que mostra árabes como violentos



Fonte: Imagens colhidas em *Fantástico* (2023a).

Figura 12 - Imagem que mostra árabes como violentos



Fonte: Imagens colhidas em *Fantástico* (2023a).

Essas imagens contribuem para a polarização do conflito, estabelecendo categorias de *mocinhos* e *vilões* de maneira simplista. A omissão de algumas vozes e a simplificação da narrativa podem distorcer a percepção pública, limitando a compreensão do verdadeiro alcance e das nuances envolvidas no cenário, comprometendo assim a busca por soluções justas e equitativas.

Na tentativa de apresentar uma suposta igualdade de vozes, a mídia muitas vezes escolhe discursos que favorecem um lado, introduzindo mais nuances e complexidades a favor desse. Esta abordagem desequilibrada contribui para uma imagem parcial que se pinta como imparcial, destacando detalhes de uma perspectiva enquanto negligencia ou simplifica as outras experiências. Como, por exemplo, quando mostra a fala do embaixador de Israel na ONU que compara o ataque ao 11 de setembro americano, e escolhe a fala do embaixador palestino que diz que seu povo seria livre “por uma via ou por outra”.

Figura 13 - Imagem do embaixador de Israel na ONU



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Figura 14 - Imagem do embaixador da Palestina na ONU



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Já na edição de 12 de novembro do *Fantástico*, observa-se uma notável expansão na representatividade de vozes, tanto de instituições como de vítimas civis, oferecendo uma perspectiva mais abrangente sobre os conflitos entre *Hamas* e Israel. Imagens e depoimentos de ambos os lados, apresentando tanto a realidade em Israel quanto na Palestina, contribuem para uma narrativa mais equilibrada e inclusiva.

Além disso, destaca-se a incorporação de imagens e depoimentos de agências árabes, mostrando o impacto da guerra no lado palestino. Essa inclusão amplia ainda mais a diversidade de vozes presentes na cobertura, refletindo uma abordagem mais aberta e sensível às experiências de todas as comunidades envolvidas. É possível perceber uma presença maior de vozes femininas, tanto de líderes de instituições quanto de cidadãs palestinas. Como comenta Camargo (2019), grupos que já são mais marginalizados podem trazer novas perspectivas, proporcionando uma abordagem mais humana e menos reducionista sobre as consequências de um conflito.

Figura 15 - Imagem do depoimento do médico palestino



Fonte: Imagens colhidas em *Fantástico* (2023b).

Figura 16 - Imagem da líder de movimentos islâmicos



Fonte: Imagens colhidas em *Fantástico* (2023b).

Por fim, é possível perceber uma maior diversidade nas fontes e vozes escolhidas, além de uma contextualização histórica mais detalhada tanto do conflito como de seus lados e posições. A edição evita uma associação simplista da Palestina apenas ao acontecimento de sete de outubro e ao *Hamas*, fornecendo uma análise minimamente mais aprofundada que reconhece a complexidade histórica do cenário.

5.4 Visões de baixo para cima

A inclusão de perspectivas “de baixo para cima” desempenha um papel crucial na construção de uma narrativa jornalística *multiperspectiva*. Durante a edição de oito de outubro do *Fantástico*, esse princípio foi evidente, especialmente ao apresentar as vivências de israelenses comuns compartilhando suas experiências durante os ataques, além de destacar as histórias de brasileiros que vivenciaram os impactos do conflito. Essa abordagem contribui para humanizar os eventos, proporcionando uma compreensão mais rica e empática da realidade.

No entanto, é importante observar que as visões dos ataques em resposta na Palestina não foram igualmente abordadas. Apesar de mencionar e mostrar imagens da destruição em Gaza, a ausência das vozes e perspectivas das pessoas que estão diretamente envolvidas naquele território cria uma lacuna significativa. Ouvir as experiências e observações daqueles que vivem nas áreas afetadas é crucial para uma cobertura jornalística completa e equilibrada, permitindo uma compreensão mais holística e justa do conflito entre *Hamas* e Israel.

Figura 17 - Imagem de brasileiro em Israel contando suas vivências após o ataque



Fonte: Imagens colhidas em *Fantástico* (2023a).

Figura 18 - Imagem de brasileira em Israel contando suas vivências após o ataque



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

A busca contínua do *Fantástico* por mostrar depoimentos com uma perspectiva ascendente de vozes, permitindo que as vozes “de baixo” também sejam ouvidas, continua evidente na edição de 12 de novembro. Contudo, há uma mudança significativa, pois vozes do lado palestino começam a ser escutadas, proporcionando uma representação mais equitativa e abrangente.

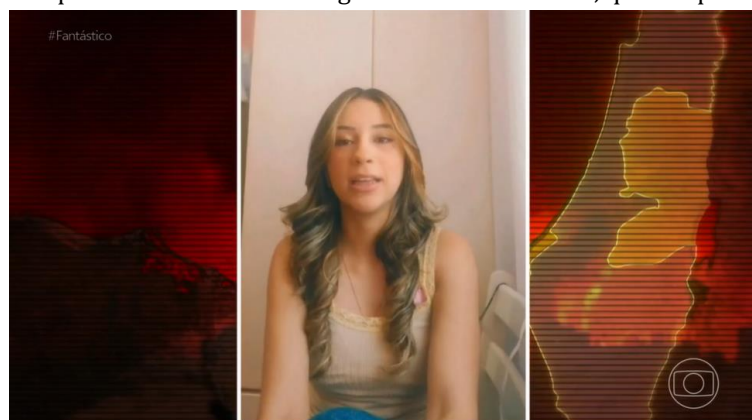
A presença de grupos historicamente desfavorecidos na produção de conteúdo de baixo para cima destaca as possibilidades que o digital oferece (Bentes, 2015). Ferramentas digitais favorecem a criação de ativismos, permitindo o fortalecimento de vozes alternativas e a ampliação de perspectivas. Isso resulta em fluxos de comunicação ascendentes que tensionam a narrativa dominante e tornam a cobertura mais abrangente, menos centralizada na mídia tradicional (Delphino, 2022).

Figura 19 - Depoimento de Shahed al-Banna



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Figura 20 - Depoimento da melhor amiga de Shahed al-Banna, que a esperava no Brasil



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Esses movimentos, que agora incluem depoimentos de figuras da internet, como a brasileira-palestina Shahed al-Banna, desempenham um papel crucial na humanização das histórias. Ao trazer essas vozes para o primeiro plano, essas dinâmicas desconstruem a simplificação maniqueísta de vilões e mocinhos. Eles destacam como, em um contexto de guerra e destruição, o impacto é sentido e vivido por todos os lados, rompendo com estereótipos e proporcionando uma compreensão mais rica e matizada dos eventos.

5.5 Serviços e questões nacionais

Para uma abordagem multiperspectiva em uma notícia, é essencial reconhecer a importância de incluir visões nacionais. Na edição do *Fantástico* de oito de outubro, essa abordagem foi notável ao destacar os serviços de resgate realizados pelo governo federal para as pessoas que estavam na região. A cobertura evidenciou o início dessas operações.

No entanto, mesmo ao humanizar os brasileiros presentes na região e abordar aqueles que estavam desaparecidos, a ênfase foi colocada principalmente naqueles que precisavam retornar ao Brasil a partir de Israel, deixando de mencionar os que estavam em Gaza ou outras áreas da Palestina, o que acaba por restringir a visão do conflito e a complexidade das realidades enfrentadas por todos os envolvidos.

Figura 21 - Imagem do painel com os brasileiros em Israel



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Figura 22 - Imagem do avião que começaria a operação de resgate em Israel



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Já na edição de 12 de novembro, o *Fantástico* ampliou a abrangência da cobertura internacional sobre os conflitos, também situou bem as questões nacionais relacionadas à postura do Brasil durante a guerra. O programa destacou o comportamento do país em busca da paz e dedicou espaço para relatar os serviços prestados pelos brasileiros que ainda estavam na região.

Observa-se um enfoque específico na vinda dos brasileiros que estavam em Gaza. A maioria do programa dedicou tempo significativo para abordar a travessia deles, oferecendo uma perspectiva detalhada de suas experiências e desafios ao deixarem a região. Essa atenção focalizada demonstra a importância de explorar não apenas os aspectos globais, mas também os impactos locais e pessoais que afetam diretamente os brasileiros e quanto parte da comunidade global de pessoas.

Figura 23 - A menina brasileira-palestina voltando para o Brasil



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Figura 24 - Mural da vinda dos brasileiros para o país



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Vale ressaltar a importância das reportagens multiperspectivas, especialmente quando influenciadas pela esfera pública, seja ela digital ou presencial. Tais notícias não apenas oferecem uma visão mais completa, mas também desempenham um papel crucial na formação de opinião e posicionamento dos territórios. Ao proporcionar uma compreensão mais abrangente, essas narrativas contribuem para uma discussão informada e crítica sobre os conflitos internacionais, à luz de uma experiência local.

5.6 Presença do digital na cobertura tradicional

A compreensão da presença do hibridismo digital no cenário midiático hegemônico foi uma das questões centrais desta pesquisa. O objetivo foi investigar como, ao longo do tempo, o conteúdo digital passaria a exercer uma influência ainda mais significativa nas produções midiáticas. Atualmente, essa transição já é possível ser notada nas mídias,

percebendo a presença marcante de conteúdos digitais, especialmente quando se consideram diferentes formatos.

A presença de elementos sonoros, imagens e o formato vertical de vídeo, por exemplo, indica que a linguagem digital já está bem enraizada nessas mídias. No entanto, a abordagem e o recorte que as mídias digitais proporcionam as diferentes temáticas, nesse caso a guerra, ainda não são tão percebidas, ou melhor, são quase inéditas.

Como comentado anteriormente, os veículos de comunicação tradicionais não estão totalmente alheios ao digital, eles se inserem, em uma velocidade outra, mas permeiam esses espaços.

Figura 25 - Imagem oriunda da internet como parte da ilustração do programa



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Figura 26 - Imagem oriunda da internet como parte da ilustração do programa



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023a).

Na edição do *Fantástico* de oito de outubro, observou-se que esse tipo de conteúdo não fazia parte integral da construção sonora, funcionando mais como elementos de arquivo

e ilustração. Isso, no entanto, reflete uma prática anterior à chegada massiva do digital, sugerindo que ainda não há uma integração significativa nesses contextos.

Na edição de 12 de novembro do *Fantástico*, a relação entre o programa e o digital aprofunda-se bem mais, ultrapassando não apenas o formato, mas incorporando as narrativas contadas nesses espaços virtuais. Além de utilizar imagens de apoio, personalidades que alcançaram notoriedade no ambiente digital como Hasan Rabee e Shahed al-Bannae passaram a ter presença destacada no noticiário, contribuindo para a construção danotícia.

O aumento da interação com o conteúdo digital demonstra como as pressões das plataformas online não afetam apenas a estética do jornalismo – algo que a mídia tradicional já vinha incorporando –, mas também as abordagens e os recortes dos temas. Ao adotar as narrativas desses espaços, o *Fantástico* diversifica sua abordagem e tenta compreender o papel do digital na formação de opinião e disseminação de informações. Essa integração destaca a necessidade de ajustar as práticas jornalísticas às mudanças do cenário digital (Delphino, 2022).

Figura 27 - Conteúdo de Shahed al-Bannae utilizado pelo *Fantástico*



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Figura 28 - Conteúdo de Hasan Rabee utilizado pelo *Fantástico*



Fonte: Imagens colhidas em Fantástico (2023b).

Nesse contexto, o digital emerge como um meio pelo qual as massas podem acessar e influenciar o controle dos ambientes midiáticos corporativos. Ferramentas digitais, ao alcançarem uma visibilidade significativa, transformam-se em poderosas ferramentas de influência, capazes de tensionar a estabilidade das mídias hegemônicas. O alcance massivo e a velocidade de disseminação das informações nas plataformas digitais permitem que vozes anteriormente marginalizadas alcancem novos patamares de visibilidade, desafiando as narrativas tradicionais e contribuindo para uma dinâmica mais diversificada e fluida no cenário midiático contemporâneo.

Nesse contexto, a produção de conteúdo a partir dos espaços digitais se aproxima do que Borges (2015) define como “repórter-amador” – sujeito que busca criar novos espaços comunicativos, desafiando os critérios de noticiabilidade e as normas editoriais estabelecidas pelos veículos mais convencionais, ao mesmo tempo em que desenvolve seus próprios parâmetros para informar. Essa realidade, quando aliada à potência das comunicações em ambientes como as redes sociais, adquire um movimento que, como demonstrado nesta pesquisa, tem o potencial de modificar significativamente o modo como as mídias convencionais pautam, enquadram e narram os acontecimentos.

6 Considerações finais

O jornalismo contemporâneo atravessa um período de profundas transformações, impulsionadas principalmente pela era digital. Apesar dessas mudanças, é evidente que os veículos de comunicação hegemônicos ainda mantêm um domínio considerável. A influência desses gigantes da mídia continua a moldar narrativas informativas, levantando questionamentos sobre a real pluralidade de vozes.

Quando se analisa a cobertura de conflitos e guerras, percebe-se que as estruturas estabelecidas ainda refletem, em grande medida, os interesses das grandes hegemonias. Mesmo com as inovações tecnológicas e a crescente presença digital, a abordagem desses eventos permanece frequentemente alinhada a agendas dos interesses dominantes.

No entanto, os formatos digitais começam a ocupar esses espaços, abrindo caminho para uma ampliação potencial de perspectivas e vozes. A popularização de imagens capturadas por câmeras de celulares e vídeos compartilhados por ativistas nas redes sociais demonstra o impacto significativo do digital na cobertura jornalística. Essa interferência foi

analisada por meio de categorias observadas em edições do *Fantástico*, da Rede Globo, nos dias oito de outubro e 12 de novembro de 2023.

As categorias analisadas incluem: dependência (ou não) de fontes oficiais; acordos ideológicos; representatividade nas falas; visões de baixo para cima; serviços e questões nacionais; além da presença do digital na cobertura tradicional. Essas categorias ilustram como é possível observar mudanças significativas na produção jornalística, especialmente no âmbito nacional, tanto pela força da demanda popular no digital quanto pela atuação do que Borges (2015) define como “repórter-amador”. Antes, essas produções eram marcadas por estruturas verticais e rígidas.

Entretanto, essas mudanças enfrentam desafios de natureza social, política, cultural e, sobretudo, econômica, que ainda limitam a multiplicidade de visões nas notícias. No contexto brasileiro, embora as pressões das redes sociais sejam perceptíveis, os veículos de alcance nacional, predominantemente hegemônicos, ainda não incorporaram essas transformações de forma significativa. Essa dinâmica evidencia a necessidade contínua de questionar e pressionar por uma cobertura jornalística mais abrangente, transparente e responsiva às demandas reais da sociedade.

Financiamento

O presente trabalho tem o financiamento e apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Referências

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ATEM, Guilherme Nery. Guerra semiótica, jornalismo e propaganda. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 161-172, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n1p161>. Acesso em: 3 jan. 2024.

BAUDRILLARD, Jean. **La guerra del Golfo no ha tenido lugar**. Barcelona: Anagrama, 1991.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estética da comunicação e biopolítica**. Rio de Janeiro: Manual X, 2015.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BORGES, Sheila. As disposições sociais do repórter-amador e os novos espaços da comunicação *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2015.

BOYD-BARRETT, Oliver. Judith Miller, o New York Times e o modelo de propaganda. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Questões críticas do jornalismo contemporâneo**: os papéis pulverizados do capitalismo. Florianópolis: Insular, 2023.

CAMARGO, Bruna Emy. Cobertura de guerra, relações de gênero e jornalismo literário: um estudo sobre as mulheres jornalistas em “Correspondentes”. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17., 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, 2019.

CAMPOS, Tiago Soares. Conflito entre Israel e Palestina. **História do Mundo**, Goiânia, 2021.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. **Manufacturing consent**: the political economy of the mass. Londres: The Bodley Head, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: eBooksBrasil, 2003.

DELPHINO, Gabriel. Influenciadores e ativismo digital: o uso do Twitter na denúncia do caso da chacina do Jacarezinho. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/recp.v13i1.82709>. Acesso em: 3 jan. 2024.

FANTÁSTICO. Apresentado por Maju Coutinho e Poliana Abritta. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 08 out. 2023a, 20h. Duração: 2h 52 min 53s.

FANTÁSTICO. Apresentado por Maju Coutinho e Poliana Abritta. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 12 nov. 2023b, 20h. Duração: 2h 43 min 47s.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

G1. Fantástico: história. Memória Globo. **G1**, Rio de Janeiro, 29 out. 2021.

G1. Número de mortos na guerra entre Israel e o Hamas passa de seis mil. **G1**, Rio de Janeiro, 22 out. 2023.

GANS, Herbert. **Deciding what's news**: a study of Evening News, NBC Nightley News, Newsweek and Time. New York: Pantheon Books, 1979.

GONÇALVES, Israel Aparecido; LIMA, Maria Aldenora Santos. Guerra: o show midiático que protege Israel. **Outras Palavras**, São Paulo, 23 nov. 2023.

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. São Paulo: Ed. Unesp, 2023.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: CEPE, 2020.

KNIGHTLEY, Phillip. **The first casualty**: the war correspondent as hero and myth-maker from the Crimea to Kosovo (A primeira vítima - o correspondente de guerra como herói e criador de mitos, da Kriméia a Kosovo). Baltimore: Johns Hopkins, 2000.

LÉON, Lucas Pordeus. Atos pró-Palestina em São Paulo e Brasília pedem cessar-fogo em Gaza. **Agência Brasil**, Brasília, 12 nov. 2023.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CARVALHO, Fernanda Cavassana. Conteúdo jornalístico nas redes sociais: as estratégias dos jornais brasileiros no facebook. **Textual & Visual Media**, Madrid, n. 9, p. 155-176, 2016.

MORAES, Dênis. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 9, n. 2, p. 1-20, 2007.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

NEVES, Maria. Crianças e mulheres são as maiores vítimas da guerra na Faixa de Gaza, ressaltam debatedores. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, 25 abr. 2024.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados - narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 1, p. 75-92, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000100005>. Acesso em: 3 jan. 2024.

SPRING, Marianna. Conflito Israel-Hamas: como algoritmos do TikTok e de outras redes sociais radicalizam opinião pública. **BBC News Brasil**, São Paulo, 28 nov. 2023.

STEAGALL, Marcos Mortensen. Imagens conceituais na publicidade: premissas da imagem publicitária potenciadas pela tecnologia e interatividade. **Convergências: Revista de Investigação e Ensino das Artes**, Castelo Branco, Portugal, v. 13, n. 26, p.1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.53681/c1514225187514391s.26.19>. Acesso em: 3 jan. 2024.

TREVISAN, Flávia Odenheimer. Islamofobia e propaganda sionista: uma análise do material educativo da Stand With Us Brasil. **Cadernos de Campo**, São Paulo, Brasil, v. 33, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe223236>. Acesso em: 15 ago. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo, 2016.

Hegemonic coverage of war and digital media interference: analysis of the conflict between Israel and Hamas, by Fantástico

Abstract

With the escalation of attacks in the war between Israel and Hamas, we are witnessing the coverage of this conflict, both in real time and virtually. Therefore, this article seeks to analyze how the national mainstream media addresses the war, also highlighting the influence that events, especially in the digital environment, have on this narrative. The research will focus on the analysis of two editions of *Fantástico* (October eight and November 12, 2023): the first, immediately after the October seven attack, and the second, marking the return of Palestinians to Brazil and a month into the war. Content Analysis will be used as the methodology. The aim was to understand the presence of categories that illustrate the perception of this media coverage, considering both the initial construction without the pressure of digital media and the possible influences of these on the communication of the dominant media outlets one month after the program's first edition. In the end, it was possible to perceive the imagery, media and editorial approach dialogisms that the content undergoes from digital, in contrast to the production of television media.

Keywords

war; media; Fantastic; digital; Israel; Palestine

Autoria para correspondência

Antonio Hélio Cunha Filho
heliofilho2@hotmail.com

Como citar

CUNHA FILHO, Antonio Hélio; FIGUEIREDO, Carolina Dantas. A cobertura hegemônica da guerra e as interferências midiáticas do digital: análise do conflito entre Israel e Hamas, pelo *Fantástico*. *Intexto*, Porto Alegre, n. 57, e-145212, 2025. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.57.145212>

Recebido: 13/01/2025

Aceito: 11/07/2025

Copyright (c) 2025 Antonio Hélio Cunha Filho, Carolina Dantas Figueiredo. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

